

Sobre a guerra

Tradução de Melissa Piccinini Dullius

E agora é guerra, grande guerra. Nossa Alemanha tem tantos inimigos... Devemos matar todos eles, e papai e tio Joaquim também querem ajudar. Na verdade, não se deveria fazer isso. Na verdade, o que sempre se aprende é: amai vossos inimigos! Mas com certeza eu outra vez não entendi isso direito. Às vezes não se pode mesmo amá-los.

Mas irei me esforçar para não ser mais malvada com nenhuma pessoa. Além disso, pedi desculpas ao tio Joaquim por ter pensado mal dele um dia desses. Ele riu disso, e disse depois: isso está muito longe de ser o pior, minha menina. Isso também eu ainda não consigo entender.

Line agora fica choramingando o dia inteiro, pois o seu Franz precisa ir também. Ela disse que ele está em Estrasburgo bem perto dos franceses, e com certeza será dos primeiros a morrer. Já há alguns dias o velho Steffens anda de um lado para o outro com a cruz de ferro, aquela que ele conseguiu em 1870 em Gravelote e da qual sente o maior orgulho. O seu caçula, o João, se despediu dele ontem. Ele está com os hussardos em Potsdam e amanhã deve avançar.

Pela pátria, todos devem sangrar sem reclamar, diz o velho Steffens. Mas eu temo pelo papai e pelo tio Joaquim. Mamãe agora anda sempre tão quieta, não canta nem toca mais violão à noite, só fica arrumando, empacotando, e tricotando meias e roupas quentes de lã. Eu comecei um pulso de lã, mas está indo bem devagar.

Se papai tiver que ir para o campo de batalha, mamãe não vai querer ficar sozinha comigo em casa. Ela quer estudar para ser enfermeira e eu terei de ir para a casa da vovó e da tia Kátia em Berlim, e lá freqüentar uma escola de verdade. Lá eu não vou mais conseguir inventar história nenhuma. Se eu não tiver mais floresta, nem lago, nem Dorkas, não vai me ocorrer nenhuma idéia, e daí também vou precisar escrever tantas cartas e fazer tantas tarefas de casa. Tudo vai ser completamente diferente daqui.

Mas um pouquinho eu também me alegro em ir para Berlim, já estive lá uma vez para o Natal. Pela grande Praça de Potsdam cruzam muitos carros e bondes elétricos, e à noite brilham, bem no alto das casas e telhados, luzes azuis e vermelhas e verdes, que acendem e então apagam, e acendem, e assim por diante. Se olharmos bem, dá para ver palavras, que são

nomes de coisas que se deveria comprar. É divertido ficar olhando isso.

E há também muitas casas legais em Berlim, e praças com flores lindas, e grandes vitrines com brinquedos, livros e roupas, com milhares de coisas dentro, e se pode comprar todas elas. Mas quem sabe se essas coisas não vão se tornar caras demais se a guerra demorar a terminar, foi o que a mamãe disse.

E a tia Kátia prometeu que vai me levar também a um grande teatro de verdade, onde uma peça estará sendo encenada por adultos. Isso deve ser maravilhoso. E para o Natal, ela quer ir comigo ao circo. Lá tem cavalos espertos, e também cachorros e outros bichos treinados que fazem truques. Isso vai me divertir muitíssimo, disse a tia Kátia.

Mas o melhor mesmo vai ser quando chegarem as férias. Então iremos todos para casa, para o velho Steffens, para Line e Dorkas. Será que então essa guerra horrível já terá acabado?

Agora eu rezo todas as noites: Bom Deus, eu te peço, deixa a guerra acabar logo, e faz com que todos os outros povos voltem a gostar de nós! E nós deles! Amém!